

Economia-Brasil Fórum mundial debaterá futuro econômico do País

VANESSA DE GODOY e
OSWALDO RIBAS

O Brasil vai abrir a temporada 91 de debates regionais do Fórum Econômico Mundial, uma fundação suíça, sem fins lucrativos ou filiação partidária, interessada em estimular investimentos internacionais e a inserção dos principais países industrializados na economia global. Sob o comando do brasileiro Riordan Roett, diretor do Programa de Estudos Latino-Americanos da Universidade Johns Hopkins, em Washington, o Fórum Brasil vai destacar, a partir de quarta-feira no Mofarrej Sheraton Hotel de São Paulo, três aspectos considerados principais para a economia brasileira: a questão da dívida externa e o relacionamento do País com a comunidade financeira internacional, o plano de privatização de estatais lançado pelo governo do presidente Fernando Collor e as oportunidades empresariais que deverão surgir com o projeto de integração regional latino-americana.

"A economia mundial caminha para a interdependência e exige a formação de mercados que permitam ganhar escala e produtividade", afirma o professor Klaus Schwab, fundador e presidente do Fórum Econômico Mundial. Em defesa da recente iniciativa latino-americana de formar o Mercado Comum do Cone Sul (Mercosul), o professor Schwab, contudo, destaca que, na América Latina como na Europa, nenhum projeto de integração terá sucesso se seus países-membros não adotarem uma política única em questões como taxa de câmbio, controle dos déficits públicos e dos níveis inflacionários.

Para analisar e conhecer melhor a economia brasileira, os organizadores do Fórum Econômico Mundial prometem trazer a São Paulo representantes da comunidade financeira internacional, executivos de grandes corporações — entre eles o diretor-geral da Nestlé na Suíça e o presidente da Rank Xerox International —, além de autoridades do governo brasileiro. Confirmaram presença a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, o secretário de Política Econômica, Antônio Kandir, e o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris. O chanceler uruguaio, Hector Gros Espiell, e o ministro da Economia argentino, Domingo Cavallo, também são aguardados para o encontro de São Paulo.

Em entrevista exclusiva ao Estado, o professor Schwab conta as expectativas de sua instituição para o meeting brasileiro:

Encontros em 1991

As reuniões que o Fórum Econômico Mundial realizará este ano

País	Cidade	Data
Brasil	São Paulo	10-12 Abril
Bélgica	Bruxelas	29-30 Abril
Estados Unidos	Washington	15-16 Maio
França	Paris	30-31 Maio
Turquia	Istambul	06-07 Junho
União Soviética	Moscou	14-16 Junho
Grã-Bretanha	Londres	03-04 Setembro
Checoslováquia	Praga	10-11 Outubro
China	Pequim	20-22 Outubro
Hungria	Budapeste	28-29 Outubro
Índia	Nova Delhi	24-26 Novembro

ESTADO — Com a integração europeia em 1992 e a formação de novos blocos econômicos entre países, que chances o Brasil tem hoje no mercado internacional?

KLAUS SCHWAB — As perspectivas me parecem bastante positivas. A decisão do governo brasileiro de participar, a partir de 1994, de um mercado comum que reunirá países vizinhos poderá criar novas oportunidades para o Brasil. O País é competitivo no mercado mundial, embora tenha sido classificado como uma estrela em declínio pela Business Confidence Survey, pesquisa que será divulgada no Relatório Mundial de Competitividade de 1991, publicação do Fórum Econômico Mundial e da IMD, escola de administração sediada em Lausanne, na Suíça. O superávit comercial do Brasil, no entanto, é promissor. Em 1989, foi o terceiro maior do mundo, atingindo US\$ 12,6 bilhões.

ESTADO — Qual é o objetivo do Fórum do Brasil que se realiza esta semana em São Paulo?

SCHWAB — O presidente Fernando Collor anunciou em março o Projeto de Reconstrução Nacional com o objetivo de reduzir a inflação, limitar a participação do Estado na economia e incentivar investimentos. O Fórum do Brasil permitirá à comunidade internacional de negócios avaliar essas medidas e trocar informações com os responsáveis pela formulação da política. Os passos que o Brasil e outros países latino-americanos derem neste momento vão determinar a sua posição na economia mundial na próxima década.

ESTADO — Por que as tentativas de integração econômica da América Latina nunca foram bem-sucedidas?

SCHWAB — Em parte por causa de uma certa dificuldade em perceber os benefícios da integração. A Europa 1992 já revela as enormes vantagens decorrentes da formação de mercados comuns regionais. A economia mundial caminha cada vez mais para a interdependência e exige a formação de mercados que



Schwab: "Informação é ponto-chave"

permitam ganhar escala e produtividade. As iniciativas de criação de mercados regionais, porém, não terão sucesso se um dos participantes seguir uma política contrária à dos demais, no que se refere às taxas de câmbio ou à inflação, por exemplo.

ESTADO — Qual a posição do Brasil em relação a outros países da América Latina?

SCHWAB — O PIB do Brasil, de US\$ 400 bilhões, é quase o dobro do PIB do México, de US\$ 223,9 bilhões. E o PIB per capita brasileiro é o maior da região — US\$ 2,7 mil para uma média de US\$ 2,3 mil. Os pontos fracos do Brasil são a baixa taxa de crescimento, estimada em 0,5% este ano, a alta taxa de inflação e a dívida externa.

ESTADO — Até que ponto o sucesso no mercado internacional depende do acesso a novas tecnologias?

SCHWAB — O sucesso depende de uma série de fatores, como a eficiência da indústria, o dinamismo da economia, a orientação de mercado, o papel do Estado e a disponibilidade de recursos humanos e naturais. Mas é certo que o acesso à tecnologia e à informação é o ponto-chave. O custo desse acesso, porém, tem diminuído. Esta será uma das questões que vamos analisar durante o Fórum do Brasil.